

**Arquitetura, antropologia urbana e etnografia da acessibilidade na co-criação do
Memorial Ferroviário de Pelotas: jogo de tabuleiro e educação patrimonial no Simões
Lopes**

Juliana Bortolotti (PROGRAU- UFPel)

Isadora Torres (PPGAnt- UFPel)

Adriane Borda (PROGRAU- UFPel)

Cláudia Turra Magni (PPGAnt- UFPel)

Este trabalho, desenvolvido na Universidade Federal de Pelotas, aborda a criação do futuro Memorial Ferroviário de Pelotas/RS, a partir da intersecção entre arquitetura, urbanismo e antropologia, em consonância com ações de educação patrimonial, por meio do uso de imagens com crianças na escola do bairro Simões Lopes. A estratégia da pesquisa reside na co-criação de materiais pedagógicos mediante o uso de inteligência artificial e na etnografia da acessibilidade, buscando compreender como a comunidade escolar do bairro percebe e significa a Estação Férrea. O referencial teórico articula a morfologia urbana de Lamas (1993) e a legibilidade de Lynch (1997) com a filosofia do design de Flusser (2007). A metodologia é definida como participativa e multimodal. O foco está na preservação técnica e experiência sensorial e corporal dos indivíduos, alinhando-se ao projeto coletivo e interdisciplinar “Acessibilidade e Emoções Mediadas por Inteligência Artificial” (AEMIA), que visa fomentar a acessibilidade emocional e física em contextos patrimoniais. Como ferramenta prática, foi desenvolvido um jogo de tabuleiro que opera como um dispositivo de mediação e produção de dados antropológicos. O tabuleiro possui o mapa do bairro Simões Lopes ao centro e casas periféricas que acionam baralhos temáticos: Estação Férrea, Trilhos do Trem, Trem e o mapa do Rio Grande do Sul. As cartas foram criadas no Chat Gpt, a partir de prompts que dão destaque a Estação Férrea, seu entorno e a cidade de Pelotas. Há ainda imagens e perguntas para estimular narrativas sobre trajetos, memórias e percepções de permanência ou mudança no cotidiano. Mapas históricos da malha ferroviária (1898 a 2022) impressos em acetato permitem a sobreposição temporal, auxiliando na visualização da expansão urbana e das transformações do território. A atividade funciona como um rito de circulação de saberes. O registro dos dados ocorre com combinações entre imagem, palavra-chave e justificativa verbal, revelando o repertório simbólico do estudante, que permite mapear lugares citados, trajetos e barreiras de acessibilidade (como a passarela local). O momento final da atividade educativa são as rodas de conversa para debater discordâncias e lacunas de informação, consolidando o *corpus* da pesquisa. A proposta visa transformar a leitura pública do patrimônio em diretrizes práticas para futuras exposições e problematizar a criação de imagens com uso

de IA como ferramenta pedagógica de educação patrimonial. Os resultados esperados incluem um diagnóstico interpretativo que conecta a salvaguarda institucional às memórias afetivas locais, garantindo que o museu não seja apenas um depósito de objetos, mas um espaço dialógico e acessível que reflita o cotidiano de quem habita o entorno da Estação.

Palavras-chave: IA; educação patrimonial; acessibilidade; estação férrea; Simões Lopes.